

ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO E ATUAÇÃO DA COM-VIDA NA ESCOLA MUNICIPAL GENESIO CHAGAS

ANALYSIS OF THE IMPLANTATION AND PERFORMANCE OF LIVING IN THE MUNICIPAL SCHOOL GENESIO CHAGAS

Andréa Santa Rosa do Rosário
Mônica Andrade Modesto

Resumo

A Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Com-Vida) surgiu a partir da proposta de criação de conselhos jovens de meio ambiente dentro das escolas do país. A temática dessa pesquisa está situada na Educação Ambiental Crítica com enfoque na criação de ambientes escolares sustentáveis, tomando como objetivo de estudo a Com-Vida e objetivando analisar a implantação e atuação da Com-Vida na Escola Municipal Genésio Chagas, localizada no povoado Cumbe II, na cidade de Simão Dias-SE, refletindo, portanto, sobre possibilidades e limites do desenvolvimento da proposta. O estudo de caso foi a técnica de pesquisa escolhida e, por meio desta, constatou-se diferentes limitações. Existe uma gama de possibilidades para serem trabalhadas pelas Comissões dentro do ambiente escolar em prol de relações sustentáveis. Sugere-se que para fortalecer a Com-Vida e melhorar a qualidade de vida na escola, os membros desta criem parcerias com entidades governamentais, cobrando maior apoio.

Palavras Chave: Com-Vida. Educação Ambiental. Sustentabilidade.

Abstract

The Commission for Environment and Life Quality (named Com-Vida) emerged from the proposal to create young environmental councils within the country's schools. The theme for this paper is based on Critical Environmental Education with a focus on the creation of sustainable school environments, aiming at the study of the Com-Vida project and its purpose to analysing the implementation and project performance at Municipal School Genésio Chagas, located in Cumbe II, in the city of Simão Dias (Sergipe State), reflecting, therefore, on possibilities and limits of the development of the proposal. The case study was the chosen research technique and, through this, different limitations were found. There is a range of possibilities for committees to work within the school environment for sustainable relationships. It is suggested that in order to strengthen Com-Vida and improve the life quality at school, and members of the Com-Vida should create partnerships with government entities, receiving more support.

Keywords: Com-Vida Project. Environmental Education. Sustainability.

Introdução

A Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Com-Vida) surgiu a partir da proposta de criação de conselhos jovens de meio ambiente dentro das escolas do país. Assim, ela se faz de uma organização para o ambiente escolar que propicie a integração entre os segmentos da comunidade de forma participativa, para que, juntos, possam criar meios e atitudes que levem à construção de ambientes educadores sustentáveis e à responsabilidade de preservação do meio ambiente (BRASIL, 2007).

A Com-Vida busca sensibilizar estudantes, professores, diretores, funcionários e comunidade a participarem do dia-a-dia escolar trazendo como foco a Educação Ambiental de forma interdisciplinar. Através da união de todo o corpo escolar, visa promover um ambiente saudável e democrático. O principal objetivo dessa comissão é introduzir na comunidade escolar e no entorno da instituição de ensino o desenvolvimento de parcerias e a construção da cidadania, a fim de promover sociedades sustentáveis que aliem conservação da natureza e melhoria na qualidade de vida da população. Trata-se de uma forma de construir a Agenda 21 dentro da Escola (BRASIL, 2007).

A temática dessa pesquisa está situada na Educação Ambiental Crítica com enfoque na criação de ambientes escolares sustentáveis, tomando como objetivo de estudo a Com-Vida. Nesse contexto, se faz relevante esta pesquisa que objetiva analisar a implantação e atuação da Com-Vida na Escola Municipal Genésio Chagas, localizada no povoado Cumbe II, na cidade de Simão Dias – SE, refletindo, portanto, sobre possibilidades e limites do desenvolvimento da proposta. Conhecendo os insucessos e dificuldades, é possível, com os resultados, desenvolver conhecimento significativo para estruturação e fortalecimento da Comissão. Nessa perspectiva, propõe-se conhecer a Com-Vida no contexto local e suas contribuições para comunidade, compreendendo a atuação da comissão e as mudanças que ela causou na comunidade escolar.

Mediante tal justificativa, apresenta-se como problema a seguinte questão: Como ocorreu o processo de implantação da Com-Vida na citada escola e quais foram as dificuldades encontradas

na atuação da comissão?

A comunidade em questão localiza-se em zona rural, tendo a agricultura e pecuária como as atividades econômicas de base para o sustento das famílias. A criação da comissão se fez na necessidade de uma ferramenta para conscientização e sensibilização ambiental por meio da discussão de problemas locais e atuação na conservação do ambiente. Com isso, buscou-se melhorias no trabalho com a natureza no sentido de que os recursos disponíveis não se esgotem.

O trabalho se desenvolve com pesquisa a partir de levantamento bibliográfico sobre a Com-Vida, Educação Ambiental e construção de espaços educadores sustentáveis, com o propósito de adquirir conhecimentos prévios que serviram como subsídio para a compreensão da temática e da realidade local, além das concepções da comunidade escolar. Trata-se de um estudo de caso, no qual foi observada a situação da Com-Vida na supracitada escola, através questionários e análise de documental, que possibilitaram analisar os dados coletados um a um.

Assim, as discussões e estudos sobre a comissão proporcionará aos moradores do entorno da Escola Genésio Chagas uma nova percepção acerca do ambiente em que vivem e dos modos de produção, cultivo, bem como da própria concepção do que é qualidade de vida. Para isso, a escola junto à comunidade mostra-se um ponto chave para reflexão, disseminação de conhecimentos e saberes, para sensibilização sobre educação ambiental.

Educação ambiental: percepções, contexto e discussões

A Educação Ambiental (EA) no mundo contemporâneo é discutida de diversas formas em diferentes segmentos da sociedade, que, de alguma maneira, preocupam-se com questões ambientais amplas sob várias abordagens, nas quais se percebe que políticas públicas de educação ambiental são necessárias para a busca de soluções sobre questões ambientais de nosso planeta (TOZONI-REIS, 2004, p. 03).

Existem várias teorias de como a Educação Ambiental surgiu e como se iniciaram as discussões

sobre a mesma. Segundo Loureiro (2012, p. 77, grifo do autor): “Em termos cronológicos e mundiais, a primeira vez que se adotou o nome *Educação Ambiental* foi em evento de educação promovido pela Universidade de Keile, no Reino Unido, no ano de 1965. [...]”. Era a primeira vez que essa nova dimensão da Educação era mencionada. Mas o que é Educação Ambiental? Por que ela surgiu?

Para Reigota (2006, p.9-10), antes de se chegar a uma definição do que é a EA, é necessário entender que problemas ambientais não estão meramente ligados à quantidade de habitantes que temos no planeta e à necessidade desses de consumir cada vez mais, mas sim à forma como consomem excessivamente os recursos naturais do planeta gerando desperdícios. O autor ainda aponta que é somente uma pequena parcela da população, comparada ao total, que consome dessa forma desenfreada, gerando relações culturais e econômicas de consumo. Assim, é necessário repensar as formas de consumo e uso dos recursos de nosso planeta e é nesta reflexão de comportamento que a Educação Ambiental mais se faz presente.

Com essa mesma linha de pensamento que a EA é tratada no Relatório do Clube de Roma que causou grande impacto quando tratou sobre o uso dos recursos naturais disponíveis no planeta Terra, fazendo com que a ONU (Organização das Nações Unidas) convocasse a Primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente Humano, que ocorreu na Suécia, na cidade de Estocolmo. Este evento propiciou discussões importantes que estabeleceu na educação um meio para entender e tentar amenizar os problemas ambientais, por ser uma maneira de instruir os indivíduos sobre o uso equilibrado de recursos naturais (TOZONI-REIS, 2004, p. 04).

A partir deste momento em Estocolmo, instituições importantes como UNESCO, Pnuma e Piea passaram a promover encontros regionais e nacionais que geraram resultados que tornaram a educação ambiental um campo específico de discussão e atuação, como aborda Loureiro (2012, p. 78),

Como resultado direto desse processo desencadeado por Unesco/ Pnuma/ Piea, a Educação Ambiental tornou-se

um campo específico internacionalmente reconhecido no ano de 1975, com a realização do I Seminário Internacional de Educação Ambiental, em Belgrado. O grande mérito desse seminário, apesar de resolver em um certo economicismo liberal, foi reforçar a necessidade de uma nova ética global e ecológica, vinculada aos processos de erradicação de problemas como fome, miséria, analfabetismo, poluição, degradação dos bens naturais e exploração humana, por meio de um povo modelo de desenvolvimento e do entendimento de que tais problemas estão estruturalmente relacionados. Para isso, enfatizou-se a Educação Ambiental como processo educativo amplo, formal ou não, abarcando as dimensões políticas, culturais e sociais, capaz de gerar novos valores, atitudes e habilidades compatíveis com a sustentabilidade da vida no planeta.

Estes eventos contribuíram com a estruturação, reconhecimento e consolidação da EA, criando caminhos para que ela se torne realidade e para criação de estratégias que atendam as necessidades de cada região. Neste contexto é que a EA se representa como um meio reflexivo para a orientação da sociedade quanto ao consumo e questões ambientais, como conclui Reigota (2006, p. 10): “Dessa forma, o componente “reflexivo” da educação ambiental é tão importante quanto o “ativo” ou o “comportamental””. Assim, é necessário, antes refletir sobre as atitudes praticadas dentro da sociedade e com o meio, para que aconteçam mudanças no comportamento humano.

Dentre vários eventos, o Fórum Internacional das Organizações Não Governamentais foi um importante momento para EA no que diz respeito à construção de sociedades sustentáveis. Este Fórum aconteceu durante a Rio-92, e o enfoque dele deve-se ao documento nele criado, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que foi pactuado durante o Fórum e trata de posições não governamentais da sociedade civil, como descreve Tozoni-Reis (2004, p. 6-7) sobre o Tratado:

[...] Esse documento merece destaque

por tratar-se de posições da sociedade civil organizada em entidades ambientalistas. O tratado reconhece a educação como direito dos cidadãos e firma posição na educação transformadora, convocando as populações a assumirem suas responsabilidades, individual e coletivamente, e a cuidar do ambiente local, nacional e planetário. Para isso a educação ambiental tem como principais objetivos contribuir para a construção de sociedades sustentáveis e equilibradas e gerar, com urgência, mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida. O documento afirma, ainda, que educação ambiental “não é neutra, mas ideológica”, coloca-se numa perspectiva holística, e afirma também que a interdisciplinaridade é de fundamental importância para que a educação possa assumir seu papel na construção de sociedades sustentáveis pela promoção do pensamento crítico e inovador dos sujeitos/educandos, respeitando a diversidade cultural e promovendo a integração entre as culturas. [...]

No relato sobre o documento notam-se pontos importantes que foram discutidos, como a iniciativa para criação de entidades ambientalistas formadas por distintas sociedades, o que deu origem a movimentos como a Com-Vida que frisa a criação de sociedades sustentáveis. Além disso, o cuidado com o meio ambiente, que deve iniciar na dimensão local, e a partir disso atingir a dimensão planetária, e não o inverso. Outro ponto relevante segundo o tratado da educação, a educação ambiental precisa respeitar a cultura e costumes de cada lugar, de cada povo, usando conhecimento local, além disso, as questões ambientais variam de realidades em cada lugar do planeta.

Quando o documento trata da construção de sociedades sustentáveis, o autor destaca que a interdisciplinaridade é fundamental, pois, com a união dos diferentes saberes e disciplinas trabalhados juntos, é possível promover alunos com olhar crítico, capaz de provocar mudanças positivas no meio em que vivem. Podemos confirmar esta relação na descrição de Tozoni-Reis (2004, p. 12): “A educação ambiental é também com-

preendida como contribuição na construção de uma alternativa civilizatória e societária para a relação sociedade-natureza”. A educação permite no educando a construção de valores e habilidades que permitam aprender viver de forma melhor em sociedade, onde possa desenvolver um pensamento crítico, possibilitando a tomada de atitudes responsáveis em relação ao meio a sua sociedade, viabilizando a construção de uma sociedade sustentável (TOZONI-REIS, 2004).

Diante disso, Tozoni-Reis (2004, p. 13) afirma que:

Acima de tudo, educação ambiental é educação. Educação em suas várias dimensões; portanto, é preciso considerar a formação do homem no espaço educacional mais amplo ou no mais restrito – a escola. Em todos os sentidos é preciso levar em conta o caráter sócio histórico do homem.

Assim, percebemos a importância de valorizar e considerar a cultura de cada sociedade para desenvolver a educação ambiental e fazer com que esta tenha resultados efetivos. Para que o educando entenda o que é educação ambiental e questões ambientais e refletir sobre seu comportamento em relação ao meio que vive. Além disso, que é necessário, antes de tudo, ele reconhecer sua história e sua sociedade, para entender como tudo que está ao seu redor foi formado. Até para resolver problemas ambientais locais, é necessário conhecer quais foram as suas causas, como o homem e a sociedade agiram para que este surgisse.

Para trabalhar esse lado social e histórico do homem, a Educação Ambiental Crítica faz-se necessária, como é abordada em BRASIL (2007, p. 67),

[...] A sua marca principal está em afirmar que, por ser uma prática social como tudo aquilo que se refere à criação humana na história, a educação ambiental necessita vincular os processos ecológicos aos sociais na leitura de mundo, na forma de intervir na realidade e de existir na natureza. Reconhece, portanto, que nos relacionamos na natureza por mediações que são sociais, ou seja, por meio de dimensões que criamos na própria dinâmi-

ca de nossa espécie e que nos formam ao longo da vida (cultura, educação, classe social, instituições, família, gênero, etnia, nacionalidade etc.). Somos sínteses singulares de relações, unidade complexa que envolve estrutura biológica, criação simbólica e ação transformadora da natureza.

Trata-se de desenvolver o olhar crítico sobre a própria realidade do educando, analisando o seu viver, seus costumes e dinâmicas diárias, para que possa entender como suas atitudes e comportamentos interferem no meio em que habita. Segundo BRASIL (2007, p. 67):

“Com a perspectiva crítica, entendemos que não há leis atemporais, verdades absolutas, conceitos sem história, educação fora da sociedade, mas relações em movimento no tempo-espaço e características peculiares a cada formação social, que devem ser permanentemente questionadas e superadas para que se construa uma nova sociedade vista como sustentável”.

Nessa corrente, a educação se desenvolve além de conhecimentos pré-estabelecidos, os saberes são confrontados para gerar novas atitudes. Segundo Sato e Carvalho (2005, p. 31),

[...] Esta proposição está centrada numa pedagogia de projetos interdisciplinares que aponta para o desenvolvimento de um saber-ação, para a resolução de problemas locais e para o desenvolvimento local. Insiste na contextualização dos temas tratados e na importância do diálogo dos saberes: saberes científicos formais, saberes cotidianos, saberes de experiência, saberes tradicionais, etc. É preciso confrontar estes saberes entre si, não aceitar nada em definitivo, abordar os diferentes discursos com um enfoque crítico para esclarecer a ação [...].

O que é notório na educação ambiental crítica é que ela diverge de estigmas de ensino tradicionais e rígidos. Ela traz um novo olhar sobre a construção do conhecimento e de um olhar crítico em relação às questões ambientais. Assim, é necessário aprender sobre o local onde habita,

para que mudanças possam acontecer e sociedades sustentáveis possam surgir.

A importância da com-vida para a promoção de um espaço educador sustentável

No ano de 2003, o Ministério do Meio Ambiente junto ao Ministério da Educação realizou a I Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente.

A Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA) faz parte de uma estratégia pedagógica de educação difusa para adensar conteúdos e trazer para a escola a dimensão política da questão ambiental. Caracterizada pela mobilização e engajamento dos adolescentes e da comunidade escolar em debates sobre temas socioambientais contemporâneos, tendo como lócus as escolas que possuem pelo menos uma das séries ou um dos anos finais do ensino fundamental (5^a a 8^a série/6^o ao 9^o ano). (BRASIL, 2012, p. 16)

Nas deliberações deste evento, surgiu a primeira proposta para criação da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida, Com-Vida nas escolas do país, nas quais os estudantes são os principais articuladores, integrando uma nova forma de organização na escola que une ideias da I Conferência, em que se idealizou a criação de conselhos jovens de meio ambiente nas escolas, integrados aos círculos de aprendizagem e cultura (BRASIL, 2007).

Vemos aí uma maneira de tornar as escolas em espaços de discussão sobre as questões ambientais e construir espaços sustentáveis que propiciem o aprendizado e a mudança de atitude em relação ao cuidado com o ambiente em que o aluno vive, promovendo a sustentabilidade.

Segundo o Manual Escolas Sustentáveis, elaborado pelo Ministério da Educação,

A Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (Com-Vida) é elemento estruturante na constituição de espaços educadores sustentáveis. Trata-se de um colegiado que envolve estu-

dantes, professores, gestores, funcionários, pais e comunidade com o objetivo de promover a sustentabilidade na escola em todas as suas dimensões, estabelecendo relações entre a comunidade escolar e seu território em busca de melhoria da qualidade de vida. A originalidade desse coletivo é estimular e fortalecer a liderança estudantil na definição dos destinos da escola. Orientada por esses objetivos, a Com-Vida anima um espaço de construção coletiva do futuro que se deseja e, para isso, estabelece a “Agenda 21” na Escola. (BRASIL, 2013, p. 2)

Como o Manual aborda, a Comissão criada na escola objetiva a união da comunidade escolar em prol de um bem comum, agir juntos para tornar o ambiente escolar sustentável, resolvendo situações problemas, sejam elas ambientais ou sociais. Isso é possível porque a Com-Vida se faz em um espaço de diálogo aberto, democrático, que consolida as opiniões de todos que fazem parte dela, visando gerir o futuro da escola.

Como espaço de diálogos, a Com-Vida ajuda a escola a projetar e implementar ações visando um futuro sustentável. Isso tem reflexos no exercício de cidadania, de respeito aos direitos humanos e à diversidade sociocultural, bem como na gestão do espaço físico da escola, aprimorando a eficiência no uso dos recursos e diminuindo o desperdício de água, energia, materiais e alimentos. A Com-Vida pode influir na política de compras e na destinação adequada de resíduos, entre outras práticas voltadas ao bem-estar pessoal, coletivo e ambiental. (MANUAL ESCOLAS SUSTENTÁVEIS, 2013, p. 2)

Assim, a Com-Vida norteia todo um trabalho que objetiva essencialmente a melhoria da qualidade de vida dentro do ambiente escolar, englobando toda a comunidade que a circunda e dela faz parte, promovendo o aprendizado, a Educação Ambiental, atitudes inovadoras e a interação entre a comunidade e a escola. Com isso, contribui para que o cotidiano escolar seja participativo, promovendo a inclusão, contribuindo para um ambiente animado e com atividades saudáveis (BRASIL, 2007). Trata-se de um processo inovador, com

pretensões locais, mas que, se alcançadas, fazem toda a diferença para a realidade escolar e o desenvolvimento da educação ambiental de forma contínua, através das reuniões e eventos promovidos pela comissão, em que questões como coleta de lixo, uso da água ou do solo podem ser discutidas, para que possíveis soluções sejam encontradas.

Além do que já foi citado sobre a Com-Vida e seu trabalho, tudo reflete para tornar a Escola em um ambiente educador sustentável através de suas atividades. Esta Comissão pode assumir outras funções, que, de acordo com Brasil (2012, p. 15), são:

- Participar da construção do Projeto Político-Pedagógico da escola;
- Realizar as Conferências de Meio Ambiente na Escola;
- Promover intercâmbios com outras Com-vidas e com as Agendas 21 locais;
- Observar, pesquisar, conservar e ajudar a recuperar o meio ambiente;

Cada Com-Vida assume o papel de observadora e intermediária de atitudes entre a Escola e a Comunidade em que está inserida. Além dos objetivos em comum, as Escolas que aderem à Comissão. Podem, individualmente, debater outros objetivos e responsabilidades próprias se assim necessitarem e for cabível para formar uma escola e comunidade sustentáveis que defendem o ambiente.

A definição de objetivos acontece dentro de cada Comissão, em um trabalho em grupo. Brasil (2012, p. 18) traz da seguinte maneira:

Em cada grupo, as pessoas escrevem na lousa ou no papel as suas ideias sobre o que esperam da Com-vida. Depois, debatem essas ideias até chegarem a uma frase curta que mostre o objetivo do grupo. Este é o momento de negociar o sonho de todos, por meio de debates, e de colocar no papel as ideias que surgirem. Essas ideias serão os objetivos específicos da Com-vida na escola. Os objetivos ajudarão a não perder o rumo e ficarão registrados no Acordo de Convivência.

O acordo de convivência é um documento estabelecido entre os membros da comissão que facilita o funcionamento da Com-Vida, onde tudo que é acordado nas reuniões é registrado, e todos aqueles que concordam com os objetivos estabelecidos, tornam-se responsáveis em cumprir os acordos (BRASIL, 2012).

A Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida é constituída por membros da comunidade escolar, desde alunos, professores, funcionários, bem como membros da comunidade e organizações que por ela se interessar, como grêmios estudantis, associações comunitárias, ONGs, igrejas, entre outras. A Comissão segue as Cartas das Responsabilidades criadas pelos jovens que participaram da I Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, e muitas das Com-Vidas existentes pelo Brasil ajudaram a suas escolas a realizarem conferências pelo meio ambiente locais, reforçando o programa do governo: “Vamos Cuidar do Brasil” (BRASIL, 2012).

Como já foi dito anteriormente, é uma Comissão criada com o propósito principal de estabelecer na Escola um espaço educador que seja sustentável. Mas o que é um espaço educador sustentável? Brasil (2012, p. 14) traz a seguinte descrição:

É um espaço onde as pessoas estabelecem relações de cuidado uns com os outros, com a natureza e com o ambiente. Esse espaço cuida e educa para a sustentabilidade de forma deliberada e intencional, mantendo coerência entre o discurso, os conteúdos, as práticas e as posturas. Além disso, assume a responsabilidade pelos impactos que gera e busca compensá-los com tecnologias apropriadas. Ele nos ajuda a aprender, a pensar e a agir para construir o presente e o futuro com criatividade, inclusão, liberdade e respeito às diferenças, aos direitos humanos e ao meio ambiente. Educa por si mesmo e torna-se referência de sustentabilidade para toda a comunidade.

Observando o contexto do que se pretende com a Com-Vida, percebe-se quanto à atuação desta comissão é importante para a inserção da Educação Ambiental de maneira interdisciplinar dentro do

ambiente escolar e a busca por caminhos para diminuir e tratar de problemas de ordem ambiental e sociais encontrados dentro das escolas.

Por meio do diálogo entre os membros da escola e destes com as pessoas e organizações da comunidade (clube, igreja, sindicato, entre outras), da reflexão crítica sobre a realidade socioambiental, acontece um verdadeiro processo de aprendizagem coletiva, de desenvolvimento de saberes (contextuais, significativos, vinculados a uma realidade concreta), de habilidades, de atitudes, de valores que enriquecem os membros da escola e da comunidade, e que servem para implementar projetos criativos que contribuam para melhorar a qualidade de vida no contexto de sua própria cultura respeitando e valorizando o entorno. (BRASIL, 2007, p. 204)

Existe uma gama de possibilidades para serem trabalhadas pelas Comissões dentro do ambiente escolar em prol de relações sustentáveis. Para isso, é preciso que todos os membros trabalhem em grupo respeitando a realidade de cada um, valorizando a cultura local e necessidades dos que compõe a comunidade.

Procedimentos metodológicos

Para obter respostas concisas diante o problema desta pesquisa, o estudo de caso foi a forma de pesquisa escolhida, para que a realidade local fosse preservada, explorar situações da vida real, e preservar o caráter unitário do objeto estudado, que é a Com-Vida, na Escola Municipal Genésio Chagas. Segundo Gil (2002, p. 54):

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.

Este trabalho trata-se de um estudo de caso social,

com levantamento sobre a situação da implantação e atuação da Com-VIDA na Escola Municipal Genésio Chagas junto à comunidade escolar, o universo da pesquisa. Pretendeu-se investigar a realidade local diante das mudanças propostas pela Comissão. Para alcançar informações sobre, foram aplicados questionários a equipe diretiva, professores e membros da Comissão no sentido de investigar como a Com-Vida surgiu, quais as ações desenvolvidas e qual concepção da comunidade escolar a respeito de sua atuação.

Definido isto, as etapas da pesquisa se desenvolveram a partir de levantamento bibliográfico com relação à Com-Vida, Educação Ambiental e Sustentabilidade, tendo em vista a construção de conhecimentos prévios para subsidiar as informações coletadas na realidade local e concepções da comunidade escolar.

Os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários abertos, os quais foram analisados e interpretados qualitativamente a fim de perceber possíveis dificuldades e limitações, além do que mudou após a implantação e atuação da Com-Vida na Unidade Escolar.

Resultados e discussão

A Escola Municipal Genésio Chagas está localizada no povoado Cumbe II, área rural do município de Simão Dias – SE, oferta Ensino Fundamental até o 9º ano. A Com-Vida (Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida) constituída na Unidade busca tratar de temas como sustentabilidade, meio ambiente e questões ambientais locais entre outros assuntos com os estudantes, professores, diretores, funcionários e comunidade. Tal proposta vislumbra promover a participação no dia-a-dia escolar inserindo questões relevantes a Educação Ambiental nas disciplinas e através da união de todo o corpo escolar, promovendo um ambiente saudável e democrático.

A referida Unidade Escolar já trabalha há algum tempo com a formação da comissão (não foi possível coletar a data de início, sabe-se que remete antes do ano de 2009, pois neste, uma aluna viajou a Brasília para representar a Escola em uma Conferência Nacional pelo Meio Ambiente), promovendo atividades, como a mudança de hábitos no ambiente escolar, realização de hor-

tas orgânicas e projetos em EA, como realização anual de conferências de meio ambiente dentro da Unidade de Ensino. As pessoas que compõe as comissões fazem parte do corpo escolar: professores, alunos e funcionários, juntamente com a comunidade local.

Nas Conferências já realizadas na Escola foram desenvolvidos temas vinculados ao programa “Vamos Cuidar do Brasil”, nas quais os assuntos discutidos eram vinculados aos quatro elementos da natureza: Água; Fogo; Terra e Ar. Dentro desse contexto foram incluídos subtemas como limpeza da Escola, tratamento da água, higiene pessoal, organização e disciplina dos alunos, consumo consciente, destinação do lixo escolar e doméstico, uso de agrotóxicos, pesticidas e fertilizantes nas lavouras, entre outros assuntos inerentes ao contexto local. Além de debater conteúdos relevantes à comunidade escolar, as Conferências de Meio Ambiente também se fizeram de um momento para o fortalecimento da Com-Vida, pois nestes eventos eram eleitos os delegados da Comissão, e também eram incorporados novos membros a mesma.

Percebe-se que o objetivo da Com-Vida na Escola Municipal Genésio Chagas é unir a Escola a Comunidade, oportunizando momentos de construção de conhecimentos, participação comunitária para construção de um ambiente escolar sustentável e integrado, com a valorização da cultura local. Vemos tudo isso na publicação do programa “Vamos Cuidar do Brasil”:

A escola do campo não é uma ilha. Ao fazer parte de uma realidade comunitária, caracterizada por sua cultura específica, a escola deve dialogar com a comunidade. A ação conjunta com a comunidade (alunos, professores e funcionários da escola, pais e membros da localidade) favorece o desenvolvimento social em que todos participam e se engrandecem, e a educação ambiental do campo, ao contribuir para a criação de possibilidades de intercâmbio e de relação de colaboração da escola com a comunidade, abre um universo enorme de situações para a aprendizagem coletiva por meio do diálogo e da cooperação.(BRASIL, 2007, p. 204).

Além de debater temas importantes, e buscar fortalecer a Com-Vida. Algumas metas foram estabelecidas, como a compra de células fotovoltaicas para a Escola, um fogão solar e tintas sustentáveis para as paredes, lixeiras para coleta seletiva do lixo. A Escola conseguiu recursos para algumas das metas, porém, até o momento somente a pintura com tintas ecológicas e a compra de lixeiras foi alcançada. Ressalta-se que, mesmo colocando as lixeiras sinalizadas para coleta seletiva, como demonstrado na figura 01, o município não disponibiliza coleta seletiva, e todo o lixo possui um destino comum para os diferentes tipos.

Figura 01: Lixeiras para coleta seletiva da Escola Municipal Genésio Chagas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Tal situação demonstra que a medida de colocar as lixeiras para coleta seletiva gera resultados até o ponto de ensinar aos discentes que existe esse meio de coleta, que ele serve para a reciclagem e é um caminho para diminuir a quantidade de resíduos no planeta, construindo conhecimento sobre este assunto. Entretanto, para realidade local, ainda é uma expectativa, pois como já foi relatado anteriormente, no município não existe coleta seletiva, sendo que os resíduos que são depositados separadamente nas lixeiras, serão misturados no momento da coleta municipal e depositados em um lixão sem aterro sanitário.

Outra aquisição através da Com-Vida em parceria com uma ação do PDDE para Escolas Sustentáveis, comprou tinta ecológica para pintar algumas paredes da Escola. O diferencial desta tinta é que em sua composição utiliza menos produtos químicos que poluem o meio ambiente, e também ajuda na climatização do ambiente absorvendo menos calor. Como mostra a figura 02

com a Escola pintada com a citada tinta.

Figura 02: Imagem do Pátio da Escola Municipal Genésio Chagas



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Análise dos questionários

Os questionários foram aplicados a dez pessoas, sendo esses professores, um aluno, um funcionário e equipe diretiva. Porém, dois questionários não foram devolvidos, e uma pessoa negou-se a responder. Como a pesquisa se resumiu a análise documental de Atas de reuniões sobre a Com-Vida, onde as informações já foram discutidas anteriormente, e os cinco questionários obtidos com sucesso. Aqui será feita uma análise detalhada por cada questionamento feito, que ao total são oito perguntas.

Acerca de como surgiu a ideia de implantar a Com-Vida na Escola Municipal Genésio Chagas e o que a motivou, algumas respostas foram divergentes, em que duas pessoas não sabiam a origem, uma respondeu que foi pela iniciativa do Estado, e as demais informaram que a Escola aderiu à formação da Com-Vida após receber um convite da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, na qual a professora da disciplina Ciências, na época, empenhou-se na criação da Comissão, juntamente com outras pessoas. Para a formação da Comissão, membros da Escola embasaram-se em pesquisa bibliográfica, principalmente com manual do Com-Vida, parâmetros curriculares, LDB e obras literárias sobre Educação Ambiental. Assim, aos poucos a Comissão era renovada ano a ano.

Sobre se houve limitações e dificuldades no desenvolvimento das atividades e objetivos da Co-

missão, três pessoas responderam que não, e duas relataram que sim, citando que as principais dificuldades foram: a falta de pessoas interessadas em continuar a Com-Vida, sendo que a Escola mudou de equipe diretiva, e a professora que era a maior interessada, afastou-se para licença médica, estas situações enfraqueceram a continuidade dos trabalhos realizados. Mas essas não foram às únicas dificuldades, outra questão relatada é que a maior parte dos alunos que participaram foi do nono ano, com isso, quando terminam o ano letivo, saem para estudar em outra escola, abandonando a Comissão.

Além disso, existe a falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação, o que limitou a atuação da Comissão, já que a Escola pertence à rede municipal e necessita deste apoio para os fins da Com-Vida. Nessa situação, questiona-se como um projeto que é de entidades governamentais, não pode receber subsídios pela própria rede municipal? Por fim, ao que foi citado, a falta de interesse de pessoas da própria Comissão e de professores da própria escola que poderiam motivar-se a manter as atividades realizadas pela conferência, como o caso das hortas, palestras esclarecedoras, e até a questão da interdisciplinaridade que através da Com-Vida, poderia assuntos ligados a Educação Ambiental, como cuidado e conservação do solo, redução da produção de lixo, sustentabilidade e etc., e fazer parte do processo de avaliação escolar.

Quando se buscou saber quem foram as pessoas que compuseram a Com-Vida, todas as pessoas responderam da mesma forma, assinalando quase todos os itens da pergunta, que eram professores, alunos, diretor, coordenadores. Pais de alunos e comunidade em geral foram citados apenas como participantes ouvintes das conferências do meio ambiente, organizadas pela Com-Vida. Para que a Com-Vida seja estruturada e forte, é necessário a participação de todos da comunidade de forma participativa para que a também a Educação Ambiental aconteça nesse meio. De acordo com Reigota (2006, p. 12): "A educação ambiental deve orientar-se para a comunidade. Deve procurar incentivar o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidades específicas". Assim, precisa ser também a Com-Vida, voltada à comunidade e incentivan-

do-a a participar.

Nas conferências e até em outras ocasiões, como reuniões da Com-Vida a população poderia participar não somente como ouvintes. Produziria resultados mais satisfatórios se estes participassem de forma participativa, dialogando, mostrando suas opiniões, saberes e dúvidas.

Quando questionados se observaram mudanças no comportamento da comunidade escolar em relação às questões ambientais, duas pessoas responderam que não. As outras três relataram algumas mudanças. Uma escreveu que no início sim, com o uso das lixeiras para coleta seletiva (lembrando que já foi supracitado que essa não se fez uma mudança significativa). Já outra pessoa manifestou que as mudanças foram poucas, por um determinado tempo havia interesse em debater e até mesmo buscar soluções de problemas locais, que a população conseguiu que o governo municipal enviasse semanalmente caçambas para coletar lixo doméstico. Os demais questionários também trouxeram informações sobre a questão do trato com o lixo.

Percebe-se pelos relatos que se focou muito na questão do lixo, e outros assuntos relevantes para localidades, como manejo com o solo e produtos químicos não foram trabalhados como se deveria, pois, a Escola encontra-se em área rural, sendo a agricultura principal atividade econômica fazendo com que estes assuntos sejam inerentes a população local, e não somente o lixo.

Assim, conclui-se que não houve mudanças de comportamento concretas e permanentes, fazendo com que a Com-Vida não alcançasse o esperado em seus objetivos de mudança de conduta da comunidade.

Ao serem questionados sobre o que é sustentabilidade, as respostas trouxeram conceitos aproximados do que ela realmente é. Uma pessoa escreveu que é quando a sociedade procura suprir suas necessidades atuais sem comprometer o futuro das próximas gerações, usando os recursos naturais com inteligência. Em outro, a resposta foi que sustentabilidade é manter o equilíbrio dos recursos naturais, utilizando-os de maneira consciente, buscando fontes de energias renováveis e não poluentes. Outra resposta foi dada que significa pensarmos no meio ambiente de forma

respeitosa e agir buscando sempre a preservação, pois precisamos entender que é possível termos conforto sem “destruir” o ambiente. E no quinto questionário foi conceituada que é uma maneira de produção sem agredir o meio ambiente. Sustentabilidade é viver em harmonia com o ambiente que se habita, mantendo atividades que respeitam o outro e que preservam os recursos naturais disponíveis, apropriando-se do que é necessário para sobrevivência de maneira que não degrade ou destrua o meio que vivemos e evitando desperdício, mantendo o equilíbrio ecológico necessário do Planeta.

Para Martins e Soares (2010, p. 149):

O princípio de sustentabilidade coloca a preservação e conservação dos recursos naturais como condição essencial para reprodução socioeconômica da sociedade seja ela urbana ou rural. Neste sentido, os discursos que fundamentam o desenvolvimento e fortalecimento de formas conservacionistas de apropriação e uso dos recursos naturais não devem se distanciar das vozes que visam à democratização do acesso a estes mesmos recursos, pois não há sustentabilidade ecológica sem sustentabilidade social.

Apesar das definições associarem-se a preservação dos recursos naturais e fazer com que não faltem no futuro, vemos na descrição das autoras que o princípio de sustentabilidade engloba muitos mais, não é somente a ecológica, mas é preciso preservar o equilíbrio entre a própria sociedade.

Para que a sustentabilidade aconteça e a educação ambiental saia do papel, é preciso que além de educar e ensinar, é necessário estabelecer valores e atitudes, como Tozoni-Reis (2004, p. 71) sinaliza, “Assim, nas representações de educação e de educação ambiental uma ideia destaca-se: a necessidade de incorporar “valores” e “atitudes” aos conhecimentos sobre os processos ambientais para definir uma relação equilibrada dos indivíduos com o ambiente em que vivem [...]”.

Como a Com-Vida é uma comissão que visa promover ambientes sustentáveis, diante das respostas aqui mostradas, talvez uma limitação também fosse à falta de mais esclarecimentos e discussões sobre o que é a própria sustentabilidade, para que

esta fosse buscada pela sociedade.

Em todos os questionários a resposta relativa à sustentabilidade da comunidade foi negativa. As pessoas não veem a comunidade delas como sustentável e os motivos pelos quais justificaram sua resposta foi porque tornar-se sustentável é um processo muito lento; porque ainda produzem muito lixo; não reaproveitam a água; falta de ações mais concretas do poder público (vemos isso anteriormente na fala sobre a falta de apoio pela rede municipal a Com-Vida, que reflete um exemplo a esta situação), além da falta de mudanças na produção agrícola local, que utiliza insumos químicos, fertilizantes, pesticidas e agrotóxicos, além do uso incorreto do solo. Através dessa realidade, inúmeras possibilidades de dialogar sobre os problemas locais poderiam ser desenvolvidas através de projetos de sensibilização e promover conhecimentos a respeito de caminhos que poderiam ser tomados para melhorar a qualidade de vida local, como a redução do uso de agrotóxicos e manejar o solo de maneira que não se esgote seus nutrientes naturais.

Os projetos de trabalho na escola, além de possibilitarem o acesso a novas informações, favorecem a problematização da realidade, contribuem para a comunidade ler a realidade (analisá-la e interpretá-la) com outros olhos, investigar as dificuldades e conflitos socioambientais favorecendo o desenvolvimento de uma sensibilidade política e de valores humanos que permitem ao sujeito posicionar-se frente à realidade. (BRASIL, 2007, p. 205)

Todas estas questões poderiam ser debatidas pela Com-Vida, e através dela, buscar melhorias, para que a comunidade se torna aos poucos sustentável, mesmo sendo um processo lento, os resultados apareceriam aos poucos.

Como as expectativas iniciais da Com-Vida da Escola Municipal Genésio Chagas era promover as conferências para debater assuntos como melhorar a ambientação da escola, destinação do lixo, higiene pessoal entre outros, fazendo com que a população local participasse das palestras, em parte, as expectativas foram atendidas. A organização da escola melhorou, por um tempo

conseguiram cultivar hortas suspensas nos muros da escola com plantio de hortaliças e plantas medicinais. Entretanto, outra expectativa era que a Com-Vida tivesse continuidade em sua atividade, e com o tempo enfraqueceu, perdeu o foco, e por enquanto encontra-se inativa.

Por fim, acerca do que falta para que a Com-Vida seja mais atuante na comunidade, todas as respostas apontaram o maior envolvimento da comunidade nas atividades da Com-Vida, e mais incentivos do Governo. Além disso, que os próprios integrantes criem meios para que a Com-Vida seja uma ação permanente, e o que após o fim das conferências, houvesse maior comprometimento para concretizar as metas e desejos nelas estabelecidos.

As ações permanentes são necessárias para que tudo discutido e realizado pela Com-Vida não seja esquecido e sem valor, e siga dando continuidade, isso garante que a Com-Vida se mantenha ativa e gerando resultados positivos na comunidade que estiver inserida. Além do que as questões ambientais é algo contínuo, sempre havendo algo que necessite atenção e cuidado.

Considerações finais

Em toda discussão aqui estabelecida, percebemos na Com-Vida uma maneira de atuar no ambiente escolar com educação ambiental de forma interdisciplinar, em que somente transmitir conhecimentos não é o bastante. Através da Com-Vida é possível motivar ações entre alunos e toda a comunidade escolar para pesquisar, reconhecer e discutir quais são as questões ambientais locais, visando possíveis soluções ou melhorias para problemas ambientais a nível local. Com isso, resultado na construção de espaços educadores e comunidades participativas, democráticas e sustentáveis.

A presente pesquisa enfatizou analisar possíveis dificuldades e limitações na atuação da Com-Vida na Escola Municipal Genésio Chagas. Por meio desta, constatou-se diferentes limitações, com destaque maior para falta de incentivos de entidades governamentais, maior comprometimento por parte de membros da própria Comissão em dar continuidade nas atividades estabele-

cidas pela mesma, e o fato da comunidade escolar possuir pouco conhecimento acerca de questões ambientais e sustentabilidade que subsidiasse o interesse em participar da Comissão e fortalecê-la.

Em suma, a comunidade possui diversas questões a serem discutidas e valorizadas, como a agricultura, que através da Comissão seria possível incentivar polos de cultivo de produtos orgânicos e mostrar com insumos químicos enfraquecem e degradam o solo, comprometendo futuros cultivos. O tratamento adequado da água para consumo e a preservação de mananciais, entre outros assuntos.

Sugere-se que para fortalecer a Com-Vida e melhorar a qualidade de vida na escola, que os membros desta criem parcerias com entidades governamentais, cobrando maior apoio. Além disso, convide a população a participar da Com-Vida não apenas como ouvintes, mas interagindo nas discussões de maneira ativa e transformadora na realidade local, com atitudes em prol do meio ambiente e das próprias relações sociais com respeito à educação, ao patrimônio escolar e à cultura.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Formando Com-vida, Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: construindo Agenda 21 na escola /** Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. - 2. ed., rev. e ampl. – Brasília: MEC, Coordenação Geral de Educação Ambiental, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao7.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Formando Com-vida, Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola: construindo Agenda 21 na escola /** Ministério da Educação, Ministério do Meio Ambiente. - 3. ed., rev. e ampl. – Brasília: MEC, Coordenação-Geral de Educação Ambiental, 2012. Disponível em: <http://conferenciainfante.mec.gov.br/images/pdf/com_vida_isbn_final.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

_____. **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola** / [Coordenação: Soraia Silva de Mello, Rachel Trajber]. – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2016.

_____. **Manual Escolas Sustentáveis: Resolução CD/FNDE no 18, de 21 de maio de 2013** / Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Diretoria de Políticas de Educação em Direitos Humanos e Cidadania. – Brasília: MEC, Coordenação-Geral de Educação Ambiental, 2013. Disponível em: <http://www.seduc.pi.gov.br/arquivos/1857975698.manual_escolas_sustentaveis_v_04.06.2013.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, A. K. S.; SOARES, M. J. Nascimento. Uma abordagem sobre a sustentabilidade no processo formativo do assentado. In: FILHO, José Daltro; SOARES, Maria J. Nascimento (Organizadores). **Meio Ambiente, Sustentabilidade e Saneamento**. – Porto Alegre: Redes Editora, 2010. P. 149-158.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. et al. **Educação Ambiental** / Michèle Sato e Isabel Cristina Moura Carvalho (Organizadores). – Porto Alegre: Artmed, 2005.

SORRENTINO, M. et al. **Educação Ambiental e Políticas Públicas: conceitos, fundamentos e vivências** / Marcos Sorrentino (Org.). – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2013.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

Sobre os autores

Andréa Santa Rosa do Rosário - Especialista em Educação Ambiental (SEED-SE). Email: andrea@hotmail.com

Mônica Andrade Modesto – Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade São Luís de França e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da rede estadual em Sergipe. Email: monicamodesto1@gmail.com